



ESBOÇO EM PEDRA E SONHO

MARILIA ARNAUD

FARIESILVA

Rio de Janeiro, 2024

Fecho os olhos, e o tempo escorrega para trás. O mundo vem dar no perfume de terra quente e madeira queimada, na sirene da fábrica de óleo, no anúncio do jogo de futebol na radiodifusora da praça, nos gritos agudos das crianças a retornar da escola em bandos. Fecho os olhos, e o mundo vem dar em ti, sentado diante da escrivaninha, a correr os olhos pelo caderno de anotações, a manhã a se despejar em brancura sobre a imobilidade do teu rosto. Como em uma pintura de Edward Hopper, tu me esperas; ainda que não saibas da minha existência, tu me esperas.

Talvez estejas a contabilizar a compra de ração para o gado, a venda de uma novilha, o milho que perdeste para as lagartas roscas. Agora ergues o rosto e me encaras com pasmo; a mesma expressão de quando me viste pela primeira vez. Ainda não sabias de mim, e sabias já. Naquele instante, reconheceste, no tom da minha pele, no pastoso dos meus olhos, nos anéis escuros dos meus cabelos, uma parte significativa da tua história. A história enterrada. A história ressuscitada com a minha aparição.

Sou eu, tua Ramona. Voltei para o sepultamento de tia Concebida. Também para tomar providências quanto

ao imóvel que vocês me legaram. Não posso voltar a viver aqui, tampouco posso me desfazer da Vila Donária; a casa sussurra, assopra-me a magia de um tempo eterno, de um reino mítico, roçaga em mim as entranhas prenhas de terra, cal e calor. Percorro cômodos, acaricio paredes, inspiro fragrâncias. Meu antigo quarto, que um dia reformaste na ideia de me alentar a alma, voltou a pertencer às imagens dos santos. Aqui sou invadida pelo cheiro de parafina derretida, resquíio das preces feitas por tia Concebida antes de tombar sobre os joelhos, o rosário entre os dedos murchos. No quarto dela, sobre a cama vigiada de cima por um Sagrado Coração de Jesus, afago a blusa e a saia que vestiram a carne degradada e solitária em suas últimas horas.

2 Em teu quarto, escancaro o janelão de basculantes envidraçados que se abrem diretamente para a praça. Calçadas praticamente vazias, cadeiras recolhidas, pessoas abrigadas no interior das casas, de onde me vem o murmúrio das televisões. Aspiro o odor da cidade anoitecida, uma mistura de pedras mornas e areia de rio. O vento chega afrontado, geme nas frestas dos basculantes, bate portas, varre calçadas, levanta com despudor a saia da moça que atravessa a rua. Gravetos e folhas secas rodopiam em um bailado de Pontões com suas lanças alucinadas. O pó do dia voa para as lonjuras de uma noite que não se sabe onde termina. Em algum lugar, um cachorro gane, como se lutasse contra as garras do vento.

Comi mal e parcamente no avião, há mais de vinte e quatro horas, quando estava vindo para cá. O súbito desejo de me fartar da coalhada caseira de tia Concebida me faz

disparar em direção à cozinha. Fuço a geladeira. Silenciosa e bem compartimentada, não é a mesma de quando parti; a antiga raspava o silêncio das noites com um ronronar de gato velho. Encontro alguma verdura, legumes, queijos, ovos, iogurtes industrializados e restos de refeições acondicionados em recipientes de plástico. Uma omelete iria bem neste momento, mas não me disponho a prepará-la. Também os guarda-louças de chapas de ferro foram substituídos por discretos armários de fórmica, onde descubro pacotes de bolacha cream cracker, biscoitos de maisena, rosquinhas de leite. Sobre o fogão, uma panela com caldo de carne — até o tomaria se não fizesse tanto calor. Pego talheres e me sento para comer um iogurte e uma talhada de queijo de manteiga. A casa suspira. Suspiro com ela. O pão na cestinha está duro. Amanhã irei fazer compras.

As tias me mandavam às compras, e meu coração se armava em festa. Até me acostumar com aquela abundância, retornava para casa com o coração a esborrar gratidão. O empregado do armazém, ora ao meu lado, ora um pouco atrás, empurrava o carrinho de mão repleto de alimentos embrulhados em sacos de papel pardo. Lembrava-me, então, de minha mãe, e de como lhe era difícil escolher entre o arroz e os ovos, ou entre um pacote de macarrão e a carne de charque. No mais do tempo, vivíamos de caridade, e aceitávamos de bom grado sobras e refugos das famílias para quem ela prestava serviços domésticos. Isso, porém, não me infelicitava. A vizinhança vivia nas mesmas condições — eu estudava em um grupo escolar municipal, onde todos éramos magros, malvestidos e quase sempre

famintos. Naturalmente, percebia a existência de um mundo em tudo superior ao nosso: minha mãe trabalhava em casas com jardins e cortinas nas janelas; seus patrões iam dançar no clube, livravam-se de roupas ao se cansarem delas, e as crianças, de tão bem alimentadas, torciam o rosto para os pratos que lhes eram oferecidos. Todavia, eu não pensava sobre o assunto. A vida me parecia boa o suficiente para que eu a encarasse com confiança. E bastava uma soda ou uma cocada para tornar meu dia um acontecimento. Em circunstâncias especiais, minha mãe preparava uma travessa de pequenas panquecas doces, cujo nome me foge agora, um bolo de leite de coco ou um mungunzá adoçado com mel — trago essa infância na língua; um sabor nunca recuperado, nem mesmo nas melhores e mais sortidas docerias.

4

Os alimentos vinham embrulhados em sacos de papel, que eram outro tesouro. A princípio, aqui recém-chegada, eu arrumava os sacos embaixo do colchão, depois de alisá-los com um ferro de passar roupas, como minha mãe me ensinara. Tia Concebida sorriu ao encontrá-los e levou-os para fora, após assegurar-me que os cadernos e livros didáticos seriam encapados com papel adequado, comprado em papelaria.

A cada um dos mandados das tias, abandonava as tarefas escolares com um contentamento maldisfarçado. Os estudos me torturavam; a média no meu boletim oscilava entre *sófrível* e *regular*. Amigo das letras e dos números, tu te entristecias com o meu desempenho em sala de aula. Os deveres de casa faziam a parte ruim do meu dia parecer

um dia inteiro; considerava aquelas horas inteiramente perdidas. Pesavam-me as pálpebras, como se ali se apoiassem todos os livros do mundo. Sem que eu desse por mim, a cabeça pendia para o tampo da mesa, e eu acabava por cair num sono profundo. Despertava com uma reguada de tia Anunciada, ou com um chamamento ao pé do ouvido de tia Concebida: Corra ali na queijeira, Ramona, e busque uma garrafa de manteiga da terra; pegue dois carretéis de linha branca e um rolo de viés azul-claro no armarinho; vá até a mercearia e me traga um pacote de sal.

Seu Antonio da mercearia me presenteava com um sonho cada vez que eu aparecia. Voltava para casa pelo caminho mais longo, o rosto enfeitado por um bigode de creme de baunilha e açúcar granulado, a lamber os dedos untados de felicidade. Quando faltavam sonhos, ele me enchia uma das mãos com confeitos, e eu os escondia nos bolsos da saia, para mais tarde partilhá-los com Teo e Concita.

5

O açougue era assunto de tia Anunciada. Possuía o saber das carnes, e não lhe bastavam os olhos para escolhê-las, sendo preciso apalpá-las, como se os bichos mortos fossem da mesma substância dos tecidos que ela usava na costura de roupas femininas. Deslumbrava-me a habilidade com que ela colocava os panos sob os moldes de papel, e depois os alisava e alisava, à medida que os ia prendendo às beiradas com alfinetes, um nos lábios, outro na mão.

Do sítio, tu trazias o leite em dois galões de cinco litros, ovos, sacos de grãos, frutas e alguma hortaliça. Em períodos de inverno, com as águas desbordando as barragens, voltavas para casa com gordas curimatãs e traíras.

Deixei de comer peixe depois que uma espinha se entalou em minha garganta. Não sei se te lembras desse susto. Vocês me batiam fortemente nas costas, ao mesmo tempo que me empurravam pela boca banana amassada e farinha. Varada pelas unhas afiadas do desespero, eu buscava inutilmente o ar, o pavor esbugalhado em cada par de olhos à minha frente; no dorso da tua mão, um fio turvo de sangue e saliva.

6 Agora alcanço o pátio, palidamente iluminado por estrelas que polvilham o firmamento. Onde antes havia um comedouro para pássaros, encontro uma fileira de potes de vidro destampados. Tia Concebida deve tê-los lavado e os posto aqui para secar. Talvez pretendesse usá-los no envasamento de compotas e infusões — fazemos coisas por desconhecer o instante da nossa morte. Se soubesse da iminência do próprio fim, seguramente ela não teria lavado os potes e os colocados para secar; teria se ajoelhado diante do oratório e orado com fervor até o último instante. Também é possível que não movesse um dedo; diante da morte, as ações mais relevantes perdem todo o sentido.

Pergunto-me se ainda vagueiam por aqui os sabiás, galos-da-campina, concrizes, canários, curiós e pintassilgos da minha infância. Recentemente li uma matéria sobre desmatamento, comércio ilegal e a conseqüente extinção de algumas espécies; ou foste tu que guiaste os pássaros ao teu céu? Em metade do comedouro, arrumávamos fatias de manga, banana e goiaba; na outra metade, alpiste e farelo. Era divertido vê-los se aproximar em voejos e passos miúdos, uma bicada aqui, outra acolá, atentos à mais sutil interferência humana.

No sábado em que compraste o comedouro, eu havia chegado a Nossa Senhora das Pedras há pouco mais de uma semana. Tu me seguravas a mão com firmeza, enquanto abrias caminho por entre as barracas dos feirantes. As pessoas se afastavam para nos deixar seguir em frente, e eu me dava conta do respeito que inspiravas: Bom dia, seu Graciliano! Bom dia!, respondias sem parar. Os olhos dos passantes demoravam-se na pequena desconhecida que conduziás pela mão, a menina de pernas finas, enfiada em um vestido de anarruga de cor verde-montanha, costurado no dia anterior por tia Anunciada.

Seguia-te sem resistência, inocente do teu súbito amor. Eras comedido no olhar, nos gestos, e o sorriso não passava de um breve afrouxamento dos lábios de risca. De tão raras as palavras, de ti ouvi quase nada nos primeiros dias, e pouco nos anos seguintes; o suficiente, porém, para te amar. Bastava ouvir meu nome em tua boca para me convencer da tua bondade e irremediável tristeza — tu me lembravas um pássaro desaprumado, esquecido das asas, desaprendido do próprio canto. Daria o que quer que fosse para te ver feliz como no tempo em que eu não existia; o tempo das fotografias emolduradas e penduradas na parede do corredor.

Lá, o homem jovem, de olhar enérgico, um chapéu à mão, a outra sobre o ombro de uma mulher de olhos grandes e cabelos penteados para trás, a blusa embelezada em rendas, a saia reta a lhe tapar os joelhos. Aqui a mulher aparece junto a ti com um barrigão de meses, a massa dos cabelos a escorrer pelas laterais do rosto e a se derramar

em espirais sobre os ombros. Em outra foto, o homem e a mulher seguram as mãos de um garoto de calças curtas e suspensórios; a confiança — ou seria esperança? —, eu vejo, está lá ainda, a sorrir através dos teus olhos.

Na manhã em que me fizeste escolher o comedouro, tu me apontaste nas gaiolas as muitas espécies de pássaros em chilros, trilados e trauteios de flautim, e me perguntaste: Qual deles, Ramona, você escolhe para ser livre? Acerquei-me de uma das gaiolas. Um bichinho de um amarelo Goya espanejava-se num banho de tigela. Olhei os outros, e meus olhos se alagaram. Iria determinar a liberdade de um em detrimento da prisão dos demais. Além disso, duas escolhas em um só dia eram muito, ao menos para mim, a quem nunca fora dado escolher nada.

8

Levamos o canário-da-terra para casa. No quintal, para minha alegria, tu me animaste a expulsá-lo da gaiola. Encorujado ao fundo, desconfiado da minha intenção, tão logo o bichinho se viu além da treliça de bambu, bateu as asas e alçou voo, indo passarinhar fora do alcance dos nossos olhos, entre os galhos do tamarindeiro.

Naquele dia, falaste-me com o coração. Soube, então, que a menina chegada a ti por mãos estranhas podia seguir contigo por todo e qualquer caminho. Não me abandonarias, ainda que um dia viesses a fazê-lo contra a tua vontade. Da morte, eu já sabia; era por trás, de emboscada, que ela desmantelava a vida. Na noite em que minha mãe foi levada, indaguei a Marilza por que Deus não acabava com a morte, que motivo O levaria a cerrar os olhos para os embustes e desmandos da fulana mais cruel do mundo. Sem

resposta, eu me fazia outra pergunta: De que lado afinal estava Deus? De qualquer forma, embora àquele tempo eu não soubesse, se a morte te conduzisse para longe de mim, continuarias a existir nas tias e na casa onde vivíamos.

Dizem que crianças olham tão somente para frente. Não é verdade; falo por mim. O passado é mais do que o tempo dos adultos ou dos velhos. Sim, eu olhava para trás. Porém, no que enxergava, sentia-me amparada, como se tivesses estado lá comigo nas horas boas e nas piores horas — perdoa-me se nunca consegui falar contigo sobre esse tempo; a omissão não se deu por falta de vontade ou por não confiar em ti. Simplesmente não sabia como fazê-lo; com quais palavras te contaria o incerto, o obscuro?

Tenho muito a te contar, o muito guardado comigo desde a noite em que foste arrancado de nós. Uma verdade pode ser esquecida; uma mentira, jamais. Uma mentira martela por dentro, sufoca à maneira dos enterrados vivos. Então, espera; logo te apresentarei a verdade. Preciso, porém, de um tempo de preparação. Preciso recompor fatos, amarrar memórias, acomodar-me nelas como um pássaro no ninho; palavras, atos e omissões, tudo torcido, trançado, camuflado.

Dou a volta ao pátio. Onde antes ficava o banheiro, há agora uma espécie de cômodo para objetos inutilizados. Na penumbra, enxergo uma cadeira com apenas três pernas sobre a antiga mesa da cozinha, o tampo de madeira parcialmente queimado, um colchão eviscerado — a espuma a lhe saltar das entranhas —, um telefone de parede, um bule sem asa. Imagino que o comedouro deva estar metido

entre as inúmeras caixas de papelão e madeira empilhadas ao longo das paredes. Por onde andaré a pintura da Avó?

Além do pátio, o poço, agora desativado. Estremeço ao lembrar da menina, tua afilhada. Em um dia de brincadeira com outras crianças, resolveu esconder-se no poço de casa. Levaste-me contigo ao enterro da pequena. Eu não queria vê-la, e queria — espichada no caixãozinho azul forrado de cetim branco, um véu a lhe cobrir o rosto, o vestido salpintado de cravos e rosas, as pernas magricelas. Ah!, roeram-me o coração os sapatos boneca da menina que ia à escola, à missa aos domingos, à festa da padroeira! Imaginei-a no parque de diversões, montada no cavalo do carrossel, a agitar as mãozinhas para a mãe, as mesmas mãozinhas que agora estavam cruzadas sobre o peito, um terço de plástico entre os dedos, e por pouco não desmorenei sobre a menina morta.

10

Retorno ao interior da casa envolta em uma bolha de silêncio. Um silêncio íntegro, compacto das coisas que não mais existem. Penso no rumor incessante, no turbilhão da minha vida longe daqui; uma vida banal, como parecem ser todas as vidas ao deixarmos de ser crianças. Penso na cidade grande e estrepitosa, na engrenagem que me faz girar entre o trabalho na galeria, as noitadas com os amigos, as discussões sobre arte e política, as viagens, as histórias inconsistentes com homens rapidamente descartados e esquecidos. Sou eu, e não sou eu. Uma parte grande de mim ficou para trás, a melhor parte, a que me fazia sentir incondicionalmente amada e tão esquecida da morte, não obstante a morte se revelasse com frequência nas badaladas do sino da matriz, nos cortejos que acompanhavam os

féretros e passavam rente à nossa calçada, em direção ao cemitério. Confesso-te que, desde o dia em que saí desta casa, fui meramente uma visitante em todos os lugares por onde andei. Queres saber por que deixei Nossa Senhora das Pedras? Talvez porque na juventude somos o mundo com seu chamado de lobo faminto, e cada uma das fibras da nossa carne estala de desassossego e desejo de impermanência. Talvez porque ser jovem é saber tão pouco de si mesmo.

Penso no tempo, e no quanto ele se tece do mesmo mistério da vida, os anos a escavar rugas, sinais, cicatrizes, cansaços, e o silêncio no fundo de tudo. Sabes que conto agora com um pouco menos dos anos que tinhas quando cheguei para viver contigo? Àquele primeiro dia, enxerguei-te velho, embora teus cabelos ainda fossem castanhos e te enchessem a cabeça, a pele do rosto se mostrasse viçosa, e firmes os músculos dos teus braços. Mas eras um avô, e avôs eram velhos.

Neste instante, quase posso ouvir a voz de tia Concebida a ressoar pela casa vazia, em uma de suas cantigas preferidas: *Acorda, vem ver a lua, que dorme na noite escura, que fulge tão bela e branca, derramando doçura, clara chama silente, ardendo o meu sonhar...*, e uma sensação de desarrimo me golpeia o coração — a vida, esse arrebatamento de ainda estar aqui, e essa agonia de tudo ser passado.

Espanto um encantamento e me chegam outros. Sonho o perfume de goiabas em fogo brando a se aprontar para o doce em calda, das cascas de angico amassadas com folhas de mastruz, malva e hortelã a fermentar nos potes alinhados sobre a mesa da cozinha. À pasta de tamarindos

e açúcar, tia Concebida juntava a medida certa de água e álcool, e então tínhamos o licor, servido em um diminuto cálice ao padre Lauro em suas visitas dominicais, apreciando também pelas mães dos teus afilhados, quando estes vinham te tomar a bênção e receber o presente natalino ou de aniversário — umas notas dobradas em um envelope castanho; para as meninas, a arte da tia Anunciada, vestidos de tricolore com estampas de flores, balõezinhos, estrelas.

12

Tinhas poucos amigos; contudo, passavas longe de ser um misantropo. Não demonstravas dificuldades no relacionamento com as pessoas, e elas gostavam de ti. Embora fosses reservado, às vezes impenetrável, a ternura e a tolerância atravessavam todas as tuas ações, os mínimos gestos, as minguadas palavras. Seu Assis, teu meeiro na Micaela, almoçava conosco aos sábados. Gastavas com ele umas horas de prosa arrastada entre tragos de aguardente — a cachaça suavizava a expressão do teu rosto, acendia a vida em teus olhos. O médico da família, doutor Humberto, aparecia de quando em quando para te acompanhar no jogo e no vinho de garrafão. Às vezes, eu ouvia teu riso a entornar sobre o tabuleiro de gamão, e achava bom que o álcool te desferrolhasse a alma para a alegria. O médico, feio de ferir os olhos, dominava a conversa. Às vezes, ele abaixava o tom, e tu pigarreavas, tossias repetidas vezes, sussurravas. Podia jurar que maquinavam algo. Apurava os ouvidos e avançava furtivamente até a porta do escritório, sem que uma única palavra me chegasse com nitidez. Abria a porta sem bater e lhes perguntava se

desejavam alguma coisa. Ostensivamente embaraçados, entreolhavam-se debaixo de uma tensão que vinha confirmar a minha desconfiança; havia ali um segredo.

Aos domingos, antes do almoço, aprontavas uma jarra de sangria, tua única proeza na cozinha. Misturado à água, açúcar e frutas cortadas em filetes, o vinho açulava-me o sangue, afrouxava-me as pernas e os pensamentos, além de me encher a boca de palavras. As tias mantinham o controle e não me permitiam excessos com o ponche. Uma vez ou outra, porém, era obrigada a me policiar para não deixar escapular as tardes proibidas com Teo e Concita. Ao final do almoço, mal conseguia deixar a mesa e cambalear para a cama.

Tenho dúvidas se algum dia te falei sobre as noites em que eu e minha mãe íamos para frente de casa, esperar o céu se romper em água. Na minúscula cidade onde vivíamos, aos primeiros sinais de chuva — nuvens enfarruscadas, vento assombrado, ar impregnado de um certo aroma — a energia elétrica desaparecia. Os vizinhos nos imitavam, e a noite na calçada enchia-se do alarido de vozes, risos, gritos de crianças e dos pequenos lumes dos pirilampos. Minha mãe tinha a ciência de apanhar os insetos e aprisioná-los nas mãos em concha. Eu lutava por dominar aquela arte, mas os minúsculos besouros me fugiam pelos dedos, num bolero luminescente de asas e coriscos. São assim as lembranças, rastros de luz, vaga-lumes indomáveis a esvoaçar no interior do meu corpo, um resvalar e um espancar no fundo do coração. Tento retê-las; luto contra o tempo e seu bater exato, para frente, para frente,

minha vida para trás. Se estivesses aqui, talvez me disses-
ses, no teu timbre pausado e persuasivo: A vida, Ramona,
é uma mão aberta para o agora; não se pode fechá-la sobre
o passado, sob pena de se distanciar irremediavelmente da
sua essência.

Perdoa-me, Avô; o passado me transborda. Recordar é
estar no mais íntimo da vida.